

Marcela Calheiros de Melo¹

Colaboradora do Grupo de Estudos do Ambiente Sonoro - GEAS.
Monitora da disciplina de Sistemas Estruturais no curso de Arquitetura
e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas

Mirelly Dantas Mendes¹

Participante do Grupo de Estudos do Ambiente Sonoro - GEAS

Camila Maria Santos Bernardino¹

Laíres de Araújo Lima¹

Maria Juliana Mendonça Lyra¹

UM OLHAR SENSÍVEL SOBRE O COTIDIANO IMPERCEPTÍVEL

É possível observar que as novas necessidades dos indivíduos alteram o comportamento das cidades. Mas de que forma essas mudanças acontecem? O intuito deste artigo é refletir sobre as permanências e adaptações ocorridas na orla de Maceió, no trecho entre Os Sete Coqueiros e o antigo Gogó da Ema. Para isso, foram comparadas as fotografias dos séculos XX e XXI e, em seguida, houve uma análise visual interpretativa, na qual se observou a relação entre os indivíduos da época e a praia.

A paisagem em seus diversos ângulos proporciona um amplo olhar da cidade e a relação do homem e a natureza. Ela expressa ações de uma cultura sobre determinado espaço e tempo.

A análise do tempo mediante uma ferramenta como a fotografia permite a compreensão da sociedade e sua relação com o espaço, podendo assim fazer comparações com a atualidade, vendo o que permaneceu e o que mudou. Não existe um instrumento preciso que possa medir o nível de mudança ou permanência de cada foto. Assim, o olhar sensível é de extrema relevância para que se compreenda tais fenômenos, analisando cada sutileza e detalhe da imagem de modo que se possa atribuir diferentes valores para cada lugar.

¹Alunas do 5º período de
Arquitetura e Urbanismo da
Universidade Federal de Alagoas.

Figura 1 - Localização da área
em estudo: trecho entre Os Sete
Coqueiros e O antigo Gogó da
Ema.

Fonte: Google Maps

Pode-se afirmar que a passagem do tempo proporciona mudanças na natureza, bem como as ações da cultura sobre ela, tornando a forma da paisagem diferente, mas com uma essência alterada ou preservada. A decorrência da ação do tempo sobre o espaço transforma funções e significados, fazendo com que a cidade esteja sempre em renovação.

As fotografias do século XX revelam a importância que a orla marítima tem para a cidade de Maceió e seus habitantes. O Gogó da Ema se destacava em relação ao seu contexto, por apresentar uma forma exótica e única. A população se sentia atraída pelo coqueiro, por ele ser uma escultura natural, estar inserido em local privilegiado com uma área panorâmica ampla. Apesar de ter durado 40 anos, sua lembrança permaneceu em fotos, cartões postais e quadros mostrando a relação entre a natureza e o homem. O que foi um marco para a paisagem, se tornou um ícone para Maceió, representado em uma escultura de mármore localizada em uma praça próxima ao local de origem.

Diferente do Gogó da Ema, o conjunto dos Sete Coqueiros não se destacou por sua forma, mas pela proporção e disposição unida. Devido à altura das árvores, se tornou um ponto de referência para encontros. No início do século XX, o espaço era habitado por pescadores que dependiam do mar para a sua subsistência e apresentava algumas casas de veraneio.

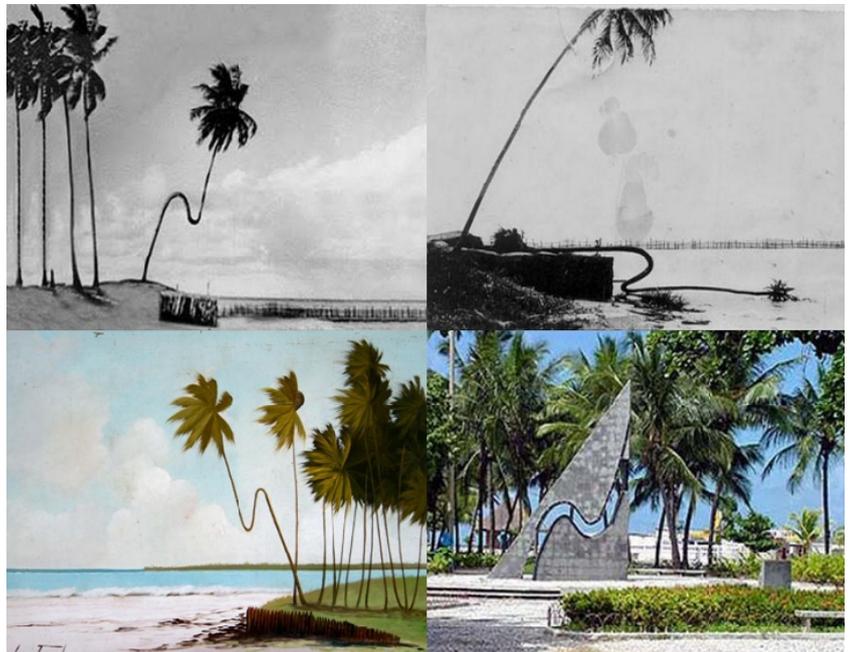


Figura 2 - A vida, morte e eternidade do Gogó da Ema.
Foto 1: Autor desconhecido. Coqueiro "Gogó da Ema". Entre 1915 e 1955.
Foto 2: Autor desconhecido. O coqueiro morto, década de 50.
Foto 3: Autor desconhecido. Gogó da Ema II. Pintura de Mestre Zumba.
Foto 4: Autor desconhecido. Escultura em homenagem ao coqueiro, localizada na orla da Ponta Verde. Anos 2000. O coqueiro tem esse nome por sua semelhança com o pescoço de uma ema.

A mudança da paisagem segue o desenvolvimento do bairro da Pajuçara, que cresceu por ser uma área com mar calmo, possuir piscinas naturais e um local ideal para o turismo. O comércio foi atraído pela expansão da rede hoteleira e a construção de edifícios. É possível ver que os coqueiros não são os mesmos, mas para preservar Os Sete Coqueiros e o seu nome, houve revitalizações da orla e implantações de novos coqueiros que representam os originais, havendo uma tentativa de valorização do ponto através da construção de uma praça, já que não são iguais e não se distinguem das outras árvores.

Hoje, o canteiro que fica anexado ao calçadão foi adaptado para vários tipos de uso, se adequando à demanda dos usuários. O local concilia diversos setores do comércio, como bancos, restaurantes, artesanato, locação de bicicleta, lava-jatos e ambulantes. Tornou-se funcional para o banhista, pois este pode realizar diversas atividades durante o período que desfruta da praia.

"Girei pela cidade. Olhei para tudo e nada vi, nada que prendesse a atenção. Nada sobressai o resto, é tudo apagado, tudo segundo plano, tudo suburbano. Felizmente tomei um bonde que me levou para fora - "Ponta da Terra", chamam o lugar. Gostei, gostei muito mesmo. Deu-me a perfeita impressão dessas cenas de naufrágio, de ilha deserta, de que os filmes americanos tanto gostam. Algumas casinholas de terra batida e cobertas de sapê, redes, gente sonolenta. Muito plana, muito larga, cheia de coqueiros, desses coqueiros sinuosos, esguios, que balançam e cantam com o vento. E o mar muito calmo, sem arrebentações, sem ondas. Muito calmo e muito verde, um verde lindo, verde esmeralda, ora mais claro, ora mais escuro, com manchas azuladas de recifes à flor d'água. Perto, ancorado, um veleiro de três mastros. E longe, bem longe, as jangadas que deslizam, leves, com as velas de triângulo, muito brancas, cheias de vento. Velas que brilham, velas de porcelana. E uma viração suave, um céu azul e um sol resplandecente. Paisagem de ilha abandonada, apesar dos pescadores e das velas, calma, sonolenta. Paisagem de aquarela." (COSTA, 1926)

Mesmo sem ter registros fotográficos da época em que Lúcio Costa esteve na Pajuçara, é possível assimilar as características relatadas por ele. A natureza presente no perímetro entre Os Sete Coqueiros e o antigo Gogó da Ema é favorecida em relação ao resto da orla. As jangadas observadas por ele não desempenham o mesmo papel. Elas foram adaptadas aos passeios turísticos e se tornaram um meio de comunicação, um elemento publicitário que continua sendo uma referência para a cidade. A silhueta da orla atual é diferenciada da observada por Lúcio. A verticalização dos edifícios em torno da faixa litorânea demonstra como houve uma procura nessa área, evidenciando seu caráter atrativo.



Figura 3 - Os Sete Coqueiros: a lembrança visual e a tentativa de manter viva a memória. Fotos 1 e 2: Autores desconhecidos. Sete Coqueiros. Primeira metade do XX. Foto 3: Autor desconhecido. Sete Coqueiros. Década de 80. - Foto 4: Sete Coqueiros. LYRA, 2013. Fotografada numa manhã de sábado.

Os eventos cotidianos, que às vezes parecem não ter importância, quando vistos sob uma ótica sensível, podem revelar vínculos pré-existentes entre a matéria, a memória e o espaço. Esses vínculos são os fatores que provocam a valorização do bem edificado, da cultura e das tradições e da paisagem. Conforme as análises realizadas, pode-se entender que os elementos como os coqueiros, danças, comidas, costumes e jangadas podem ser reconhecidos como patrimônio, entendendo-se essa expressão como aquilo que persiste ao longo do tempo, seja de forma física ou nominal.

Figura 4 - apropriação dos nomes é uma característica forte no Bairro, ela se apresenta de várias formas, ora como nome de estabelecimentos e mobiliários, ora tendo sua forma como fonte de inspiração para criar objetos. Fotos de 1 a 8: LYRA, 2013. - Fotos 9 e 10: Autores desconhecidos.



BIBLIOGRAFIA:

PORTA, Paula. Política de Preservação do Patrimônio Cultural no Brasil 2000 | 2010. IPHAN, Ministério da Cultura. 2012.

Apesar de acontecerem alterações e adaptações no espaço, a essência desses elementos pode permanecer. As referências são fortemente empregadas em diversos aspectos: desde o nome de estabelecimentos comerciais, até a reprodução figurativa em mobiliários urbanos. Foi possível, portanto, perceber que Maceió possui uma “relação singular entre as condições do meio e a paisagem natural”, conceituação que, segundo o IPHAN (Porta, 2000 | 2010), caracteriza a paisagem cultural. Nela, “os bens materiais, os bens imateriais e a natureza são indissociáveis”.

Imortalizada na passagem de Lúcio Costa, a “Paisagem de aquarela” parece se sobressair. Há um magnetismo quase inexplicável entre as pessoas e a faixa litorânea. A visão da orla é algo realmente atrativo em Maceió. Mesmo com o passar dos anos, sua imagem continua viva na recordação dos visitantes e moradores da cidade, como uma bela pintura feita pelo artista mais perfeccionista, capaz de misturar tons de azul, verde e amarelo em mais bela composição.

Marcela Calheiros de Melo
marcelacalheiros@hotmail.com

Mirelly Dantas Mendes
mirellydm@gmail.com

Camila Maria Santos Bernardino
camilabernardino16@gmail.com

Laíres de Araújo Lima
laíres_araujo@hotmail.com

Maria Juliana Mendonça Lyra
mjmlyra@hotmail.com